

Patrimônios culturais e seus significados na contemporaneidade: um estudo sobre o lugar das experiências nas representações do passado

Cultural heritage and its meanings in contemporary times: a study regarding the place of experiences in representations of the past

Arnaldo Pinto Junior*

Márcia Regina Rodrigues Ferreira**

Gerda Margit Schütz-Foerste***

Palavras-chave:
Patrimônio cultural
Experiências
Modernidade

Resumo: Este artigo apresenta um estudo sobre os patrimônios culturais do município de Santa Teresa/ES, reconhecido pela Lei nº 13.617/2018 como o pioneiro da imigração italiana no Brasil. A partir do diálogo com produções de Walter Benjamin, focalizamos manifestações de determinados grupos da referida localidade na relação com representações que simbolizam histórias e memórias do processo migratório, em especial a Casa Lambert. Considerando o declínio das experiências na modernidade, fenômeno característico da sociedade capitalista, realizamos uma pesquisa qualitativa (Lüdke; André, 1986) para problematizar formas de apropriação da cultura como espetáculo e objeto comercializável. Diante da denominada “cultura do vidro” (Benjamin, 2012), na qual os sujeitos são constantemente expostos a um passado pretensamente homogêneo e idealizado, refletimos acerca da tendência de transformação dos patrimônios culturais em fantasmagorias, o que inclui o desenraizamento social e a desvalorização das experiências vividas coletivamente.

Keywords:
Cultural heritage
Experiences
Modernity

Abstract: This article presents a study about the cultural heritage of Santa Teresa's/ES county, recognized by Law nº 13,617/2018 as the pioneer of Italian immigration in Brazil. Based on dialogue with productions by Walter Benjamin, we focus on certain groups' manifestations from that location in relation to representations that symbolize stories and memories of the immigration process, especially the Casa Lambert. Considering the decline of experiences in modernity, a characteristic phenomenon of capitalist society, we carried out qualitative research (Lüdke; André, 1986) to problematize ways of appropriating culture as a spectacle and marketable object. Faced with the so-called “glass culture” (Benjamin, 2012), in which subjects are constantly exposed to a supposedly homogeneous and idealized past, we reflect on the tendency to transform cultural heritage into phantasmagoria, which includes social uprooting and devaluation of experiences lived collectively.

Recebido em 17 de março de 2024. Aprovado em 30 de abril de 2024.

* Livre-docente em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e professor da Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: apjfe@unicamp.br.

** Doutoranda e Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: marciarodriguesferreira@gmail.com.

*** Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: gerdamsf@gmail.com.

Introdução

No ano de 2024, o estado do Espírito Santo comemora 150 anos de imigração italiana. Acerca da efeméride, o município de Santa Teresa – localizado na região serrana e reconhecido pela Lei nº 13.617 (Brasil, 2018) como pioneiro da imigração italiana no Brasil – é considerado o “berço” dessa história. O título, celebrado com fulgor por determinados grupos sociais, está fundamentado na descoberta de um documento¹ no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES) e encaminhado ao então Presidente da Província. No documento com a data de 28 de outubro de 1874, o colono Francesco Merlo, estabelecido na Colônia de Santa Leopoldina (mais precisamente nas terras do Núcleo Timbuhy, hoje pertencente à Santa Teresa), solicita ao governo ressarcimento dos gastos que teve com a passagem da Itália à Colônia de Nova Trento por não ter sido reembolsado pelo contratante. Esse é um dos muitos registros do acervo do APEES referentes aos imigrantes italianos que chegaram ao porto de Vitória no navio La Sofia em 1874. Em sua maior parte, provenientes das regiões do Trento e do Vêneto, foram “os primeiros italianos que, em grupo, chegaram às terras capixabas por meio de empreendimento de imigração” (Muniz, 2009, p. 54).

As referências culturais dos imigrantes italianos estão na base da afirmação de um sentido único de identidade para Santa Teresa. Nesse contexto, as tradições culturais expressas na arquitetura das casas e prédios, no cultivo da uva e na produção de vinhos artesanais, na gastronomia, na religiosidade, nos corais de músicas, nas festas típicas, dentre outras manifestações, constituem-se aspectos singulares que simbolizam coesão social, incrementam o turismo na cidade e fazem de Santa Teresa “um pedacinho da Itália no Espírito Santo”.

No que tange ao patrimônio arquitetônico de Santa Teresa, os imigrantes italianos e seus descendentes procuraram uma aproximação com as terras de origem. Assim, encontramos na urbe alguns elementos característicos da arquitetura do norte da Itália, como o traçado das ruas seguindo o curso do rio e a igreja em uma localização central (Scalzer; Genovez, 2013).

A cidade tem três imóveis tombados pelo Conselho Estadual de Cultura (CEC): 1) a residência Augusto Ruschi, nos termos da Resolução nº 09/1990; 2) a residência de Virgílio Lambert e 3) a Capela de Nossa Senhora da Conceição, ambas patrimonializadas pela Resolução nº 07/1985. Desde 2013, está em tramitação no CEC o processo de tombamento do sítio histórico de Santa Teresa, composto por um conjunto de imóveis (casas, estabelecimentos comerciais, escolas, praça) localizados nas principais ruas do centro da cidade, correspondente ao núcleo original de ocupação urbana. O perímetro da Área de Proteção do Ambiente Cultural (APAC) de Santa Teresa é constituído também pelas áreas de expansão do núcleo original.

Com várias nuances, a proposta de tombamento do sítio histórico dividiu a sociedade teresense em apoiadores e opositores, estes últimos com ações incisivas fomentadas pelo lema “Preservar sim, tomar não”!² Atualmente, o processo de tombamento está paralisado e, com as comemorações de 150 anos de imigração, os conflitos e as contradições são silenciados pelas concepções homogêneas e celebrativas do passado. Os distintos projetos socioculturais imbricados nos patrimônios culturais teresenses revelam ambiguidades: o orgulho das origens italianas contrasta com os interesses do capital e sua lógica que tudo transforma em mercadoria. O tombamento do sítio histórico é visto, por significativa parcela da sociedade, incluindo descendentes dos imigrantes italianos, como sinônimo de obstáculo ao desenvolvimento social e econômico da cidade. Na mesma perspectiva, a Casa Lambert, patrimonializada pelo estado do Espírito Santo em 1985 a partir dos seus sentidos para o processo de imigração italiana, revela a complexa relação da sociedade com seus patrimônios. Dentre inúmeros aspectos observados no caso em tela, destacamos: a) as tensões geradas no decorrer das articulações sociais e das ações administrativas que resultaram em seu tombamento; b) as discussões sobre o risco de desabamento nos anos 2000 e c) as apropriações atuais da ideia de patrimônio como espaço ritualizado e estetizado.

Considerando as diversas problemáticas que envolvem as referidas interpretações no mundo

contemporâneo, a Casa Lambert suscita indagações sobre o reconhecimento e a valoração dos bens patrimoniais por parte dos poderes públicos e da sociedade em geral. A trajetória da Casa sinaliza que as políticas de preservação do patrimônio cultural sobrepõem o conjunto de atividades, visando à proteção física do bem e aos recursos viabilizados pelas leis, decretos ou portarias estabelecidas sob a responsabilidade dos órgãos estatais correspondentes (FONSECA, 2009). Se, por um lado, a Casa Lambert tem sido exaltada como exemplo de preservação da história e da memória coletiva dos imigrantes italianos, por outro, a ideia de preservação, em meio a valores instaurados pela modernidade capitalista, tem resultado em experiências e memórias fragilizadas.

Para o desenvolvimento do estudo, trabalhamos com a ideia de que a metodologia não é uma pauta de instruções e, sim, a capacidade organizada de pensar a realidade no seu momento histórico. Ao observarmos as especificidades do cenário local e inspirados nas reflexões do filósofo Walter Benjamin (2009), procuramos responder, nesta pesquisa, as seguintes questões: como os patrimônios culturais de Santa Teresa se relacionam com as atuais representações que simbolizam histórias e memórias do processo migratório italiano? As narrativas construídas em torno da italianidade estimulam a produção de fantasmagorias culturais em Santa Teresa e no estado do Espírito Santo?

Sobre as fontes levantadas e selecionadas (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38), buscamos uma metodologia de pesquisa que compreende a importância da análise documental para o desenvolvimento de procedimentos valiosos na “abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Por conseguinte, a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares localizadas no universo “dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo, 2016, p. 20). Tal abordagem se aprofunda no mundo dos significados, do que não é imediatamente visível, mas precisa ser exposto e interpelado pelo pesquisador. E, em segunda

instância, passa por um processo interpretativo contextualizado.

Entendendo que a cultura é um campo plural, constantemente reinventado e disputado (Thompson, 1998), as narrativas da italianidade podem ser situadas como resultado de sentidos construídos e compartilhados acerca das origens da cidade. Por meio da italianidade, é possível propor questionamentos sobre as múltiplas faces das tendências culturais prevalentes, como caminho para trazer à tona aspectos imbricados nas atuais representações da imigração italiana e nas ressignificações do patrimônio cultural teresense.

No diálogo com as citadas obras, este artigo aborda patrimônios culturais de Santa Teresa, em especial a Casa Lambert, e suas implicações nas tentativas de constituição de uma identidade homogênea para o município. Ao problematizarmos representações expressas nos festejos dos 150 anos de imigração italiana (Chartier, 1990), procuramos discutir a condição dos patrimônios culturais frente às tendências de declínio das experiências vividas na contemporaneidade e, paralelamente, as tentativas de apagamento da diversidade de manifestações culturais.

O lugar das experiências e das narrativas na cultura do vidro

As análises apresentadas neste artigo trazem as contribuições dos textos “Experiência e Pobreza” e o “Narrador”, escritos respectivamente em 1933 e 1936 por Benjamin, cujo percurso intelectual foi profundamente marcado pelos acontecimentos históricos de seu tempo. Entre eles, a Primeira Guerra Mundial, de efeitos catastróficos e traumáticos sem precedentes até aquele momento, definida por Benjamin (2012) como uma das mais terríveis experiências da história universal. Numa relação dialética entre presente e passado, os referidos textos abordam questões que seguem um curso desafiador na atualidade: o declínio das experiências e da narrativa.

A partir das questões explicitadas e das situações díspares evidenciadas pelas relações dos sujeitos com bens capazes de representar e simbolizar histórias e memórias da imigração italiana, não

estamos frente ao que o filósofo e ensaísta Benjamin (2012) denominou “a cultura do vidro”? O vidro é, segundo o autor, um material tão duro e liso que nada se fixa nele. Nossas relações hodiernas, marcadas pela instantaneidade e efemeridade, permitem a “fixação” de algo em nós? Aperfeiçoamos a “cultura do vidro” e, como sujeitos “duros e lisos”, estamos imersos em uma realidade de declínio das experiências? Na mesma perspectiva que os ambientes de vidro modificaram gradativamente os sujeitos históricos do início do século XX (Benjamin, 2012), o capitalismo em crescente expansão trata a modernidade como espetáculo e a cultura como objeto comercializável.

Para Benjamin (2012), a partir da consolidação da revolução industrial, a sociedade tem sido privada da capacidade de tecer narrativas, expressões culturais relacionadas à arte de intercambiar experiências. Com a tendência de declínio do intercâmbio das experiências, as grandes narrativas comuns a determinado grupo social também se veem comprometidas. Nas palavras do próprio Benjamin (2012, p. 213),

O narrador – por mais familiar que nos soe esse nome – não está absolutamente entre nós, em sua eficácia viva. Ele é para nós algo de distante, e que se distancia cada vez mais. [...] São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize.

Benjamin localiza na modernidade capitalista³ – em seu amplo espectro de desenvolvimento das técnicas produtivas e de respectivos desdobramentos sobre a sociedade – as transformações que colocam as experiências e a narrativa em vias de extinção. Com uma posição crítica quanto ao cenário cultural de sua época, questiona as tendências de aceleração dos ritmos de vida e de qualificação de novos paradigmas. Dentre eles, o individualismo, o narcisismo, a compartimentalização e a hierarquização das práticas sociais e dos saberes, a padronização dos gostos e valores estéticos, a segregação espacial e social, o consumismo, a competição, a efemeridade, a busca da novidade, a obsolescência e o culto ao descartável.

Nesse contexto, hodiernamente em processo de radicalização, os patrimônios culturais, distanciados das experiências vividas coletivamente, tornam-se fantasmagorias, compreendidas na obra benjaminiana como idealização que apresenta efeitos destrutivos nas relações sociais, na percepção do tempo e do espaço. E numa concepção celebrativa de passado, concebido como lugar pitoresco a ser visitado, as referências culturais são transformadas em bens de consumo e os sujeitos em meros espectadores da história.

Em Benjamin (2012, p. 123), encontramos um conceito de experiência que remete a transmissão por meio de narrativas comunicadas pelos mais velhos aos mais jovens: “de forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; às vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a filhos e netos”. A tradição e as atividades artesanais, uma época de trabalho lento e prolongado, relacionado a um tempo em que o tempo não contava, são o fundamento da construção da experiência benjaminiana. Sedimentadas na memória, as experiências poderiam a qualquer tempo ser mobilizadas pelos sujeitos diante de novas situações (Franco, 2015). O excerto a seguir exprime o sentido artesanal da experiência benjaminiana, entrecruzada com a ideia de narrativa.

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que, no leito de morte, revela a seus filhos a existência de um tesouro oculto em seus vinhedos. Bastava desenterrá-lo. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, porém, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho duro (Benjamin, 2012, p. 123).

Com o triunfo da modernidade capitalista, entretanto, homens e mulheres tornaram-se mais pobres em experiências comunicáveis. A organização industrial do trabalho exige uma constante aceleração das máquinas para produzir mais em menos tempo. Isso impõe movimentações sem precedentes ao corpo, forçado a repetir mecanicamente os mesmos gestos por horas a fio. O

ritmo industrial, associado ao desenvolvimento da urbanização e todos os seus variados estímulos, satura o indivíduo moderno e o obriga a agir cada vez mais rapidamente (Franco, 2015). Para Benjamin (2012, p. 124), “uma forma completamente nova de miséria recaiu sobre os homens com esse monstruoso desenvolvimento da técnica”.

A pobreza de experiências não deve ser compreendida como se os sujeitos aspirassem novas experiências (Benjamin, 2012). Ao contrário, os indivíduos modernos almejam um mundo em que possam libertar-se de toda experiência, pois seguem saciados e cansados, forçados a desenvolver mecanismos de controle aos estímulos. Deixam de viver experiências – construções coletivas plenas de significado – para terem vivências, que apontam para situações de isolamento e não partilha. Em seus escritos, Franco (2015, p. 82) ressalta:

O que, enfim, podemos chamar de “vivência” (*Erlebnis*), que se contrapõe à “experiência” (*Erfahrung*)? Vivência é, por assim dizer, a experiência degradada, à qual estão condenados os indivíduos isolados, atomizados, por imposição da organização industrial do trabalho e da própria sociedade que a sustenta.

Nesse cenário, predomina a “cultura do vidro”: duro e liso, em que nada se fixa (Benjamin, 2012). Frio e sóbrio, a sua transparência não inspira articulações com outras temporalidades. Esse é o indivíduo forjado pela modernidade capitalista: age de modo automatizado, vive isolado em um tempo esfazelado. Suas relações com o outro e com o mundo exprimem-se como vivências, fenômeno típico da sociedade burguesa. Diante da velocidade e da intensidade de estímulos, os indivíduos tendem a perder suas possibilidades de diálogo com a cidade e os seus lugares. E o patrimônio cultural, inicialmente projetado como representação de significados sociais mais amplos, é destituído de experiências vividas coletivamente para ser consumido por indivíduos desenraizados.

Fantasmagorias da contemporaneidade

O termo patrimônio, do latim *patrimonium*, vem circulando intensamente nas últimas décadas

em diferentes meios sociais e acadêmicos, assumindo significados variados. Em sua origem, estava ligado à ideia de herança, remetendo às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade patriarcal estável (Choay, 2001). Nos limites históricos e semânticos dos seus usos na contemporaneidade, a expressão patrimônio tornou-se uma categoria individualizada com delimitações muito precisas, acompanhada de adjetivos que a qualificam: patrimônios financeiros, econômicos, arquitetônicos, históricos, culturais, genéticos, artísticos e ecológicos. Para Oliveira (2008, p. 114),

Os chamados patrimônios históricos e artísticos têm, nas modernas sociedades ocidentais, a função de representar simbolicamente a identidade e a memória de uma nação. O pertencimento a uma comunidade nacional é produzido a partir da ideia de propriedade sobre um conjunto de bens: relíquias, monumentos, cidades históricas, entre outros. Daí o termo “patrimônio”.

Segundo a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 1972), são considerados patrimônios culturais:

Os monumentos. – Obras arquitetônicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de caráter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos. – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse. – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

Nesse sentido, o município de Santa Teresa potencialmente preserva um conjunto de edificações representativas dos imigrantes italianos em território brasileiro, o que contribui para que seus descendentes (e outros sujeitos) busquem conexões históricas em um cenário marcado pela

fragmentação cultural. No diálogo com Oliveira (2008), estamos tratando patrimônio como uma construção histórica relacionada à memória e à identidade de uma coletividade. O patrimônio assume contornos específicos conforme valores, visões de mundo e formas de sociabilidade que caracterizam as diferentes sociedades.

Por esse caminho, a modernidade capitalista engendrou formas específicas de pensar, sentir, conhecer e perceber outros tempos, espaços e sujeitos, transformando o modo como nos relacionamos com as referências do passado. E a cultura material, que contém valor simbólico e contribui para a formação dos sujeitos, desvinculada do contexto social, apresenta limitações em seu papel de dar sentido cultural à temporalidade contemporânea. Em sua época, Benjamin (2012, p. 124) já apontava para questionamentos similares: “qual o valor de todo nosso patrimônio se a experiência não mais o vincula a nós? Sim, confessemos: essa pobreza não é apenas pobreza em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral”.

Considerando que o patrimônio cultural envolve uma interpretação da cultura como produção material e simbólica, referência de identidade, ação e memória dos diferentes grupos que formam a sociedade (Fonseca, 2009), a tendência de declínio das experiências destitui os sujeitos de vínculos tecidos coletivamente. Fragilizadas, as experiências – fundamentadas numa tradição compartilhada – cedem lugar para as vivências e as identidades sociais são substituídas por identificações momentâneas e desordenadas (Franco, 2015).

Retomando o contexto sociocultural de Santa Teresa, tanto a exaltação do título de cidade pioneira da imigração italiana no Brasil quanto às comemorações em torno dos 150 anos de criação do Núcleo Colonial Timbuhy expressa uma situação ambivalente forjada por elementos da modernidade capitalista: o saudosismo associado a momentos do passado convive com a incessante busca pela novidade. A novidade é representada por meio do pioneirismo, sustentado numa ideia de herança exemplar transmitida sustentada no passado. Enredado na urdidura da lógica capitalista, o passado começou a seduzir muito mais que o futuro.

Na perspectiva dialética benjaminiana, esse é o processo de criação do fetiche mercadoria e das fantasmagorias da cultura capitalista. Para Benjamin (2009), a modernidade despertou a sociedade de seu sonho mítico e a submeteu a uma nova mitologia. Despertados, os sujeitos não conhecem sua história e vivem um sonho coletivo, que, entranhado nas relações materiais de produção, reverbera nas manifestações culturais por meio de espaços denominados como “casas de sonho”, as fantasmagorias: na moda, no interior das residências, nos cassinos, nos museus, na própria cidade (Galzerani, 2008; 2016). A criação de fantasmagorias distancia os bens patrimoniais das experiências vividas coletivamente. Não seria a exaltação do título de primeira cidade italiana do Brasil uma fantasmagoria?

Do mesmo modo, a Casa Lambert, tombada como patrimônio do Espírito Santo, hoje um museu, considerada simbolicamente a construção mais antiga da cidade, espaço representativo das tradições dos imigrantes italianos, permeada por uma visão nostálgica e idealizada do passado, também se aproxima da fantasmagoria da contemporaneidade. Como representação de um sonho e de uma identidade coletiva, distanciada de uma reconstrução contínua de experiências pelos sujeitos do presente, a Casa Lambert apresenta-se no cenário sociocultural local como um espaço ornamental e folclorizado, de “tradições inventadas” (Hobsbawm; Ranger, 1984).

Um exemplo dessa representação foi divulgado pelo primeiro Globo Repórter do corrente ano (Rede Globo, 2024), apresentado no dia 16 de fevereiro, o qual abordou a celebração dos 150 anos de imigração italiana no Brasil. Nele, os colonos do navio *La Sofia* que chegaram ao Porto de Vitória em 17 de fevereiro de 1874 foram lembrados, assim como Santa Teresa e seu reconhecimento de cidade pioneira da imigração italiana. O recorte deu ênfase à Casa Lambert, como patrimônio do estado do Espírito Santo, seus objetos originais e preservados. Destacou-se, ainda, a condição da Casa que abrigou três gerações da família Lambert e atualmente é um museu. Entre as visões transmitidas, a seguinte frase nos chamou a atenção: “o tempo não para, a história fica”. Na perspectiva da tradição inventada, o imóvel

representa as marcas identitárias da italianidade. Porém, diante das concepções capitalistas, o bem torna-se atração para o mercado do turismo. Além da tendência do “fetiche mercadoria”, percebemos a fragilidade das políticas públicas na inclusão de manifestações e de identidades culturais plurais nesse território.

A ideia de uma casa na qual a história parou no tempo, como seus objetos preservados, relaciona-se a um conjunto de práticas socioculturais de afirmação da identidade italiana na cidade. Ao tratarem das tradições inventadas, Hobsbawm e Ranger (1984, p. 8) discorrem sobre determinados grupos sociais que pretendem “inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. Oliveira (2008, p. 10) também aborda essa discussão ao considerar que “toda tradição é mesmo inventada, já que seleciona o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido”; se a “tradição inventa patrimônios culturais, são os “patrimônios culturais”, por sua vez, que nos inventam”. Sendo a cultura uma arena de ininterruptos conflitos (Thompson, 1998), é importante pensarmos nos significados conferidos aos patrimônios em cenários marcados por formas cada vez mais refinadas de controle da produção, circulação e apropriação de concepções socioculturais.

As reflexões acerca das relações estabelecidas entre a população de Santa Teresa e seus patrimônios culturais, em especial a Casa Lambert, não desconsideram as lutas e enfrentamentos dos imigrantes italianos, em sua maioria camponeses pobres que vieram para o Brasil – muitas vezes iludidos por propagandas enganosas – e trouxeram na bagagem o sonho de uma vida melhor, dedicando-se a reconstruí-la em um novo território. Não obstante, tensionamos a folclorização das singularidades culturais, as memórias transformadas em objetos comercializáveis e o caráter utilitário conferido aos patrimônios. Em contextos de experiências fragilizadas, os sujeitos são impelidos a agir de modo automatizado, a seguirem o movimento das massas. Assim, observamos o desencadeamento de processos de perda de

referências coletivas, bem como o esfacelamento das narrativas. Os provérbios soam ociosos, as histórias se esgotam (Gagnebin, 2011). Nessa perspectiva, patrimônios culturais, como a Casa Lambert, passam a ser unicamente lugares de lazer e diversão, de efeito intenso e rápido.

Enveredando pela compreensão do ser sensível que está em constante tensão com as estruturas econômicas, políticas e sociais sintetizadas na cultura, encontramos em Thompson (1981; 1998) denúncias sobre as ilusões racionalistas observadas na sociedade científico-industrial. Em contraposição, o autor focaliza sujeitos singulares, que se constituem na relação dialógica, incompatíveis com a redução de homens e mulheres a insumos. A experiência na e da cultura envolve escolhas de valores, modos de vida, relações produtivas e familiares, dentre outros aspectos.

No tocante aos 150 anos, eventos e celebrações que reforçam um passado homogêneo, de tradições inventadas, estão programadas para todo o ano de 2024, entre eles, a circulação do selo⁴ “Santa Teresa – Espírito Santo 1874-2024. 150 anos de Imigração no Brasil. 1ª Cidade de Colonização Italiana no Brasil”. Seguindo o mesmo caminho, no dia 17 de fevereiro, o Governo do Espírito Santo (2024) organizou uma ampla agenda cultural para celebrar o “Dia Nacional do Imigrante Italiano” – instituído pela Lei nº 11.687 (Brasil, 2008) a ser comemorado no dia 21 de fevereiro – com músicas, danças, manifestações religiosas e comidas típicas. A data tem como referência a chegada, em 1874, da Expedição de Pietro Tabacchi ao Espírito Santo, marco histórico escolhido para indicar o início da imigração em massa de italianos para o Brasil. Na programação em foco, destaca-se a representação dos cenários por onde passaram os imigrantes da Expedição Tabacchi: cortejo e chamada para o embarque, partida do navio, desembarque no Porto de Vitória, caminhada e missa na Catedral de Vitória (Governo do Espírito Santo, 2024).

Ressaltamos que os objetivos e as características das tradições, inclusive das inventadas, passam pela invariabilidade do passado (Hobsbawm; Ranger, 1984). Nesse sentido, a memória da italianidade é repetidamente relacionada ao pioneirismo de Santa Teresa e do Espírito Santo no cenário nacional. Em inúmeros veículos virtuais de

comunicação⁵, encontramos referências à imigração italiana em Santa Teresa e uma frase é apresentada incessantemente: o Espírito Santo tem a primeira cidade fundada por imigrantes no país (Arpini; Barcelos, 2024).

As tensões e os conflitos que permeiam as relações dos sujeitos com a história e a memória da imigração italiana não têm espaço na celebração de um passado idealizado e homogêneo. Aspectos como o crescimento desordenado da cidade, as ameaças ao centro histórico e o turismo de consumo da cultura não são abordados no bojo das comemorações dos 150 anos. A crítica e a resistência como premissas da preservação dos bens culturais são questões esmaecidas diante da força simbólica de um título fundamental para as visões históricas preocupadas com o mito das origens: a cidade pioneira da imigração italiana no país. Na mesma vertente da casa dos sonhos benjaminiana, na Casa Lambert encontramos um cenário encantador e irretocável, uma fantasmagoria da contemporaneidade a ser preservada por toda a sociedade teresense.

A Casa Lambert: de espaço de habitar a patrimônio cultural

Construída por volta de 1875 pelos irmãos trentinos Virgílio e Antônio Lambert, a Casa Lambert é referência arquitetônica da imigração italiana no Espírito Santo. Sua trajetória desvela que os processos de construção dos patrimônios culturais são espaços de tensões e conflitos, mesmo que ocorram de forma sutil e difusa.

Considerando que, na sociedade capitalista contemporânea, os indivíduos, distanciados de suas referências de sociabilidade, fragilizados em suas experiências, são destituídos de vínculos duradouros com os bens culturais, a Casa Lambert, como espaço multifacetado atravessado por múltiplos significados e por diferentes temporalidades, possibilita a problematização das visões de mundo construídas ao longo da história da cidade.

Os irmãos Virgílio e Antônio Lambert estavam entre os trentinos que deixaram sua terra natal e trouxeram para o Brasil a esperança de melhores condições de vida. Os imigrantes italianos, além do sonho da posse da terra, tinham o desejo de

construir o seu lar. Nas casas, podemos observar o entrelaçamento entre os novos projetos de vida, as lembranças da arquitetura rural de diferentes regiões italianas e as marcas das adaptações às necessidades de integração ao novo território. Segundo Muniz (2009, p. 131-132),

Como testemunha da história, a arquitetura rural do imigrante, fala-nos de um passado recente e da luta do homem e da natureza nos vales e montanhas do Espírito Santo. Uma luta que deixou marcas na paisagem, trouxe novos valores culturais e contribuiu para a mudança nos modos de vida e nas relações de trabalho dos novos brasileiros. Portanto, uma parte da imigração europeia no Brasil ainda está viva e presente na paisagem e na arquitetura rural produzida pelos imigrantes e seus descendentes em terras capixabas.

Desse modo, ao construírem suas casas, os imigrantes buscaram atender a necessidade básica de abrigo e infundiram nelas valores afetivos, conhecimentos, expectativas e visões de mundo. E, além de sua função básica de garantir proteção, a casa “é um invólucro que nos seus intramuros, encerra um palco de manifestações da cultura do homem que a construiu” (Filipon, 2007, p.9). Sendo assim, mais que um monumento do passado, a Casa Lambert expressa o caráter histórico, plural e dinâmico das culturas e das experiências continuamente ressignificadas.

Na imagem fotográfica da Casa Lambert (Figura 1), destaca-se a técnica de pau a pique⁶ utilizada pelos imigrantes em suas primeiras construções e a presença das bandeiras da Itália, referência ao passado que se pretende preservar. Nas paredes mais antigas do imóvel, evidencia-se ainda a armação de taipa com varas colocadas no sentido diagonal, uma inovação dos imigrantes, que garantiu a construção de moradias mais resistentes. A adição de um novo espaço contrasta com o espaço original, evidenciando as necessidades de adaptação ao uso predominantemente residencial da Casa com o objetivo de adaptá-la às mudanças na família e na própria cidade. Acompanhando a imagem, a página disponibiliza um texto com breve histórico da Casa e menciona que segue preservada como a mais antiga construção da cidade. Também faz referência às

gerações que ali viveram e atuaram para manter erguida uma “joia” da arquitetura colonial, hoje restaurada e aberta a visitas.



Figura 1 – Vista lateral da Casa Lambert, edificação transformada em museu a partir de 2011.

Fonte: Página do Facebook intitulada História Capixaba (2021).

Numa abordagem intertextual⁷, em que as imagens servem para entrelaçar os fios dos complexos processos sociais e das tramas que envolvem a cultura em seus aspectos plurais e multifacetados, é possível tecer reflexões sobre a transformação do patrimônio em fantasmagoria, distante das experiências dos sujeitos do passado e do presente, um local pitoresco a ser visitado. Para ir além da dimensão aparente da Casa Lambert, expressa na figura 1, faz-se necessário identificar as situações díspares em sua trajetória histórica: tombado em 1985, o imóvel manteve seu uso original como moradia até 2007, quando foi comprada dos herdeiros para ser transformada em um espaço cultural. Nessa época, conforme relatórios técnicos produzidos pela Secretaria de Cultura do Espírito Santo, a casa apresentava sérios problemas estruturais, com riscos de desabamento.

No processo de tombamento, a importância da Casa Lambert foi evidenciada em relatórios técnicos que apontavam sua notável expressão histórica enquanto referência da imigração italiana e por ter abrigado os Lambert, imigrantes que deram

grandes contribuições à região e ao estado. Sendo assim, a definição da Casa Lambert como patrimônio cultural ocorreu em função de sua carga simbólica, no sentido de reforçar as identidades locais. Entretanto, os problemas oriundos do crescimento urbano e da degradação do imóvel, uma década depois, revelam o distanciamento entre o discurso e a prática no que tange às políticas de preservação. Esse é outro aspecto que aproxima a Casa Lambert da ideia de fantasmagoria, exaltada como lugar dos sonhos para os descendentes dos imigrantes italianos e turistas, e provoca questionamentos sobre o reconhecimento e a valorização por parte dos poderes públicos e da sociedade, após o tombamento.

Em 2010, o imóvel foi restaurado e, a partir de 2011, tornou-se um museu. Aberto à visitação em 2011, é um dos cartões-postais da cidade, atraindo turistas que buscam o clima de montanha, as belas paisagens e elementos da cultura italiana presentes em Santa Teresa. Como incremento ao turismo cultural, aproxima-se de uma ideia de patrimônio como espaço ritualizado e estetizado.

Estas reflexões não desconsideram a importância da apropriação da memória como estratégia de afirmação de identidade étnica e cultural, mas potencializam a problematização dos processos que atravessam o nosso cotidiano e nos distanciam de experiências coletivas plenas de significados. A Casa Lambert, espaço multifacetado e atravessado por múltiplos significados e por diferentes temporalidades, é um patrimônio capaz de estimular interpretações que se contraponham ao sentido único de representação para a trajetória histórica da cidade, rompendo com os processos sociais marcados pelo contínuo silenciamento de memórias e de histórias plurais.

Considerações finais

Reconhecendo que cada momento histórico encerra em si formas específicas de percepção e de apropriação dos espaços de uma urbe, na sociedade contemporânea as céleres transformações relacionadas ao avanço capitalista resultam em sérias implicações sobre visões e narrativas do passado. Dentre os desdobramentos do referido processo,

destacamos o gradativo distanciamento entre os sujeitos e os patrimônios culturais constituídos coletivamente, cada vez mais compreendidos a partir de valores econômicos ou como itens mercantilizados para consumo. Nesse contexto, as interações sociais são caracterizadas pelo declínio das experiências, substituídas por vivências, nas quais o hedonismo e a instantaneidade ocupam posições centrais na busca pela satisfação dos interesses particulares.

No cenário delineado, em que as identidades socioculturais cedem lugar às formas de identificação momentâneas e desordenadas, destituídas de vínculos construídos na experiência coletiva, Santa Teresa comemora os 150 anos de imigração italiana. Tendo por base concepções progressistas e lineares da história, bem como uma noção de tempo vazio e homogêneo, o passado é abordado numa perspectiva celebrativa, ausente de fraturas e contradições. Assim, o centro histórico e a Casa Lambert tornam-se lugares pitorescos a serem visitados, símbolos das marcas da italianidade, que tem sua maior representação no título de cidade pioneira da imigração italiana no Brasil.

Motivados por inquietações do presente, esta pesquisa qualitativa abordou tensões sociais expressas nas relações dos sujeitos históricos com o patrimônio cultural. No diálogo com os escritos de Benjamin (2012; 2009), acreditamos que os patrimônios locais associados à identidade coletiva são transformados em fantasmagorias, expressões da relação fetichista da sociedade capitalista, do espetáculo da cultura como mercadoria consumível. Diante do declínio das experiências, a história tem o papel de homenagear e de honrar um tempo longínquo de tradições inventadas (Hobsbawm; Ranger, 1984), uma abordagem pragmática que desconsidera o movimento do passado como força ativa no presente.

Outro aspecto que pode ser problematizado por meio do patrimônio cultural relaciona-se à homogeneização cultural, corolário da modernidade. Em Santa Teresa, as narrativas da italianidade criam um sentido único de identificação para o município, sendo as tradições de uma parcela da população referência geral para todos os demais grupos. As práticas socioculturais do passado inscritas no espaço/tempo da cidade resultam no que Guimarães

(2013) define como colonização do presente pelo passado e, desse modo, é como se todos que reafirmam uma única versão se tornassem reféns da evocação de um tempo idealizado. Por esse viés, os sujeitos que não tiveram suas histórias e memórias contempladas na versão monolítica tenderão a experimentar a sensação de desenraizamento, apresentando dificuldades para compreender a existência de um passado permeado por experiências vividas coletivamente.

Todavia, a contrapelo de tendências homogeneizadoras e dominantes, o patrimônio cultural também pode contribuir para a realização de movimentos dissonantes sobre o passado em um momento de desenraizamento cultural, produzindo conhecimentos dialéticos e plurais. As questões patrimoniais, que envolvem subjetividades, intencionalidades e relações de poder, podem promover um diálogo entre presente e passado capaz de considerar as descontinuidades, as rupturas e os processos de ressignificação envolvidos na trajetória da cidade, enfatizando, assim, o papel das experiências de homens, de mulheres e de crianças como sujeitos da história, combatentes na luta pela vida (Thompson, 1981). Desse modo, instigar a rememoração proposta por Benjamin, ato político com potencialidades de provocar um despertar das fantasmagorias modernas, de romper as formas maquinicas de conceber o espaço, o tempo e as relações culturais. Assim, pensamos o ato de rememorar como caminho para a produção de experiências comprometidas com o absoluto dos seres humanos, um processo dialético em que o ser humano produz a si mesmo, enquanto sujeito individual e coletivo.

Notas

1 Mais informações sobre a imigração italiana podem ser encontradas no conjunto de escritos guardados no APEES, mais precisamente no Grupo Documental Governadoria, Segunda Série (383 L), livro 71, 1872-1875.

2 Uma das frases de impacto adotada em audiência pública, passeatas e abaixo-assinado organizados no decorrer de 2019, em meio às manifestações contrárias ao tombamento provisório do sítio histórico. Para mais

informações, consultar Perezoni (2019a; 2019b) e Taveira (2020).

3 Walter Benjamin (2009) focaliza a modernidade como expressão artística e intelectual de um projeto histórico relacionado à ordem burguesa e capitalista.

4 Lançada oficialmente pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT) em 18 de outubro de 2023, na Câmara Federal, a peça filatélica marca os 150 anos da Imigração Italiana no Brasil.

5 Dentre eles, o portal de notícias da Globo-G1, PCN notícias, Folha de São Paulo, Kwai, O Tempo, Prefeitura Municipal de Santa Teresa, Câmara Municipal de Santa Teresa e o Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

6 Também conhecida como taipa de mão ou estuque, foi conhecida pelos imigrantes logo após sua chegada, pois era utilizada nos barracões que os abrigavam.

7 A interpretação de uma fotografia demanda o conhecimento de outros textos de caráter verbal e não-verbal, que a precedem ou que com ela concorrem para a produção da textualidade de uma época. O uso da fotografia como documento histórico implica o levantamento dos processos que lhe conferem sentido social.

Referências

ARPINI, Naiara; BARCELOS, Vivian. Colonização italiana no Brasil completa 150 anos: ES tem a 1ª cidade fundada por imigrantes no país. *In: G1 [Espírito Santo]*, 17 fev. 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/es/espírito-santo/sul-es/noticia/2024/02/17/colonizacao-italiana-no-brasil-completa-150-anos-es-tem-a-1a-cidade-fundada-por-imigrantes-no-pais.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2024.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Grupo Documental Governadoria**, Segunda Série (383 L), livro 71, 1872-1875.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas; v. 1).

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BRASIL. **Lei nº 13.617, de 11 de janeiro de 2018**. Institui no calendário oficial brasileiro o dia 26 de junho como Data do Reconhecimento do Município de Santa Teresa (ES) no pioneirismo da imigração italiana ao país. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13617.htm. Acesso em: 01 dez. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.687, de 02 de junho de 2008**. Dispõe sobre a instituição do “Dia Nacional do Imigrante Italiano” e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2008/lei-11687-2-junho-2008-575869-publicacaooriginal-99176-pl.html>. Acesso em: 01 dez. 2023.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FILIPPON, Maria Isabel. **A casa do imigrante italiano, a linguagem do espaço de habitar**. 2007. 153 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2007.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

FRANCO, Renato. **10 Lições sobre Walter Benjamin**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **Almanaque, a locomotiva da cidade moderna: Campinas, décadas de 1870 e 1880**. Campinas: Centro de Memória da Unicamp, 2016.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. A produção de saberes históricos escolares: o lugar das memórias. *In*: FERREIRA, Antônio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; LUCA, Tânia Regina de (org.). **O historiador e seu tempo**. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008. p. 223-235.

GOVERNO DO ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Turismo. **Homenagem centenária: Governo do Estado celebra os 150 Anos da Imigração Italiana no Brasil**. Vitória-ES, 16 fev. 2024. Disponível em: <https://setur.es.gov.br/Not%C3%ADcia/homenagem-centenaria-governo-do-estado-celebra-os-150-anos-da-imigracao-italiana-no-brasil>. Acesso em: 17 fev. 2024.

GUIMARÃES, Maria de Fátima. A colonização do presente pelo passado: de um dispositivo metafórico à possibilidade de construção de conhecimento histórico educacional. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org>. Acesso em: 01 dez. 2023.

HISTÓRIA CAPIXABA. **Casa Lambert em Santa Teresa, construída em 1875, segue preservada como a mais antiga construção da cidade**. Vitória, 05 set. 2021. Facebook: @capixabahistoria. Disponível em:

<https://m.facebook.com/capixabahistoria/posts/1181026299041452>. Acesso em: 28 nov. 2023.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016. p. 9-28.

MUNIZ, Maria Izabel Perini. **Cultura e arquitetura: a casa rural do imigrante italiano no Espírito Santo**. 2. ed. Vitória: Flor & Cultura, 2009.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Cultura é patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PEREZONI, Miranda. Tombamento de Sítio Histórico de Santa Teresa divide opiniões de moradores. *In*: **ES Hoje [Espírito Santo]**, 29 ago. 2019a. Disponível em: <https://eshoje.com.br/geral/2019/08/tombamento-de-sitio-historico-de-santa-teresa-divide-opinioes-de-moradores/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

PEREZONI, Miranda. Liminar pode decidir sobre tombamento de sítio histórico em Santa Teresa. *In*: **ES Hoje [Espírito Santo]**, 28 out. 2019b. Disponível em: <https://eshoje.com.br/geral/cidades/2019/10/liminar-pode-decidir-sobre-tombamento-de-sitio-historico-em-santa-teresa/>. Acesso em: 15 nov. 2023.

REDE GLOBO. **Globo Repórter [A Itália é aqui]**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 16 fev. 2024. Programa de TV. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12363878/?s=0s>. Acesso em: 17 fev. 2024.

SCALZER, Simone Zamprognio; GENOVEZ, Patrícia Falco. A configuração urbana e identidade italiana em Santa Teresa/ES. *In: ENCONTRO REGIONAL (ANPUH MG)*, 18, 2012, Mariana-MG. **Anais eletrônicos [...]**. Ouro Preto: EDUFOP, 2013. Disponível em: https://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340386975_ARQUIVO_SCALZER_A_configuracao_urbana.pdf. Acesso em: 01 dez. 2023.

TAVEIRA, Vitor. Pressão imobiliária trava tombamento histórico em Santa Teresa. *In: Século Diário [Espírito Santo]*, 05 jul. 2020. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/cidades/pressao-imobiliaria-trava-tombamento-historico-em-santa-teresa>. Acesso em: 15 nov. 2023.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UNESCO. **Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural**. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2023.